

## Memórias fotográficas de cidade fronteiriça<sup>1</sup>

Antônio WEBER<sup>2</sup>

Vitor LEGES<sup>3</sup>

Cristóvão ALMEIDA<sup>4</sup>

Wesley GRIJÓ<sup>5</sup>

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

**Resumo:** O artigo tem como objetivo entender as relações entre produção de fotografias analógicas e digitais e a memória histórica da cidade de São Borja-RS, localizada na fronteira entre Brasil e Argentina. Assim, o marco teórico é alicerçado nas noções de imagem técnica, fotografia e memória. A partir do método qualitativo, com auxílio de pesquisa bibliográfica e documental, os dados foram coletados entre julho e outubro de 2014 em acervos públicos e pessoais da referida cidade fronteiriça. Por fim, aborda-se a relação entre registros fotográficos e a memória histórica são-borjense.

**Palavras-chave:** Imagem técnica; Fotografia; Memória; História.

### Introdução

A presença da fotografia no cotidiano, enquanto materialização da representação do mundo, nos remete ao que vem sendo chamado de “civilização das imagens” (JOLY, 1996; KOSSOY, 2001). Nesse percurso histórico até chegar ao atual estágio das imagens fotográficas digitais, a fotografia passou por vários estágios históricos desde o início do século XIX, até chegar à tecnologia digital e sua maior reprodutibilidade.

Se durante muito tempo a fotografia enfrentou o dilema em ser ou não considerada arte, devido à crítica à reprodutibilidade técnica apregoada por Benjamin (1994), hoje é uma das mais expressivas formas de manifestações artísticas e culturais existentes.

Assim, independente da discussão sobre imagem fotográfica e o estatuto da arte, consideramos aqui o lado social da fotografia. Ao considerar esse lado da imagem fotográfica, Briggs e Burke (2004) consideram que, historicamente, a fotografia está presente no cotidiano das pessoas por se tratar de um mecanismo que permite “congelar” e eternizar os momentos, ativando as memórias posteriormente.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Relações Públicas com Ênfase em Produção Cultural pela Universidade Federal do Pampa, email: [avilaweberr@gmail.com](mailto:avilaweberr@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, email: [vitor\\_leges@yahoo.com.br](mailto:vitor_leges@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Doutor, Professor da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, email: [crisovaoalmeida@gmail.com](mailto:crisovaoalmeida@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutor, Professor da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, email: [wgrijo@yahoo.com.br](mailto:wgrijo@yahoo.com.br)

A introdução da fotografia no cotidiano e na ativação da memória das pessoas pode ser considerada desde quando, em 1839, o inventor Louis Jacques Daguerre apresenta em Paris a invenção que mudaria o modo de se registrar acontecimentos, momentos históricos e cenas cotidianas: o “daguerreótipo”, método para se gravar imagens sobre uma superfície.

Posteriormente, segundo Briggs e Burke (2004), o lado social da fotografia ganhou maior impulso quando em 1988 foi criada a primeira câmera fotográfica comercial, a Kodak Nº 1. A máquina fotográfica e os serviços de revelações oferecidos pela empresa tornaram o ato fotográfico possível a qualquer amador a partir do *slogan*: “*You press the button, we do the rest*”. Com a proposta de tornar a fotografia acessível, fácil, sem necessidade de muita técnica para realizá-la.

Com isso, o ato de fotografar tornou-se uma ação lúdica e cotidiana na sociedade, prolongando-se até os tempos atuais, cuja ação foi potencializada mais de um século após o advento da câmera da Kodak com o advento da fotografia digital, da miniaturização e barateamento do equipamento fotográfico. Assim, no atual momento da fotografia digital, conforme Ang e Szlak (2007), há profusão de máquinas digitais que facilitam o ato fotográfico, pois não existe mais a necessidade de se programar as lentes para a obtenção de imagens de melhor qualidade. Além de que as novas tecnologias integradas ao computador possibilitam a impressão de fotografias sem a necessidade da revelação química.

Desse modo, independente da fotografia ser analógica ou digital, ela nos faz deparar com as diferentes formas de registro da memória e, conseqüentemente, da história da sociedade, conforme apontam estudos de Kossoy (2005) e Felizardo e Samain (2007). Assim, no universo familiar, espaço no qual se estrutura uma família, sempre encontramos fotografias através das quais podemos reconstituir um momento histórico. Essas fotografias aparecem materializadas de formas variadas: emolduradas, porta-retratos, quadros decorativos, álbuns ou até mesmo em caixas de sapato.

Nessa perspectiva, vislumbramos observar a relação da fotografia e da memória histórica a partir da experiência da produção de imagens estáticas analógicas e digitais na cidade de São Borja, município localizado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. Concebemos ainda, a produção de fotografias como importante instrumento para o resgate histórico e cultural da primeira cidade dos Sete Povos das Missões<sup>6</sup> a partir das

---

<sup>5</sup> Essa configuração se estabeleceu através das seguintes fundações no Rio Grande do Sul: San Nicolás (1687), San Miguel (1687), San Luiz Gonzaga (1687), San Borja (1690), San Lourenzo (1691), San Juan Bautista (1698) e San Angel Custódio (1706). (FURLONG, 1962)

percepções dos fotógrafos do referido município: registros de cenas familiares, momentos culturais, religiosos, entre outros.

Dessa forma, com o objetivo de entender as relações entre produção de fotografias analógicas e digitais e a memória histórica da cidade de São Borja, este estudo parte do viés metodológico qualitativo (FLICK, 2004), baseado na pesquisa documental e bibliográfica. Por sua vez, o material fotográfico foi coletado através de pesquisa documental entre os meses de julho e outubro de 2014, a partir de visitas às residências de famílias são-borjenses com acervos fotográficos pessoais e nos acervos públicos. Ao todo, tivemos acesso ao material de um fotógrafo adepto do registro analógico e ao material preservado por três (03) famílias: uma família de um fotógrafo profissional, outra família que trabalha com fotografias digitais e uma família tradicional da cidade. Foram coletadas e digitalizadas cem fotografias analógicas e cinquenta fotografias em formato digital, contudo devido às limitações de espaço deste artigo enfatizamos aqui a análise de oito fotografias sendo: seis analógicas e duas digitais, que foram escolhidas levando em consideração a época do registro, e a não repetição do teor de conteúdo da fotografia, ou seja, a temática de produção.

### **Imagem técnica, fotografia e memória**

Ao longo da história, as imagens sempre estiveram presentes no cotidiano das sociedades, desde aquelas produzidas de forma artesanal até as imagens digitais contemporâneas, estáticas ou em movimento. Sobre essa questão, Flusser (2002) considera que imagens são mediações entre o homem e o mundo; são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Nesse sentido, o referido autor conceitua as imagens atuais - que nos interessa na presente discussão - como “imagem técnica”, ou seja, aquelas produzidas pelo que ele denomina de aparelhos (fotografia, cinema, vídeo, televisão, computador).

As imagens técnicas se contrapõem às imagens tradicionais (pintura e escultura), visto que estas imaginam o mundo; já aquelas conceituadas como técnicas por Flusser, imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. O pesquisador pondera ainda que a aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois são tão simbólicas quanto outros tipos de imagens. Por conta disso, o que observamos ao contemplar as imagens técnicas não é a realidade objetiva, mas determinados conceitos relativos a essa realidade.

Além disso, a produção de fotografias analógicas ou digitais deve ser pensada a partir de três paradigmas, conforme Santaella e Nörth (2001): o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico. No entanto, nosso estudo está baseado nas fotografias realizadas nos paradigmas fotográfico e pós-fotográfico.

O paradigma fotográfico refere-se a todas as imagens que são produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível, por isso, são imagens que dependem de uma máquina de registro, implicando necessariamente a presença de objetos reais pré-existentes, como é o caso da fotografia analógica.

O paradigma pós-fotográfico - ao qual estamos presenciando - diz respeito às imagens sintéticas ou infográficas. Estas não são mais, como as imagens óticas, o traço de um raio luminoso emitido por um objeto pré-existente captado e fixado por um dispositivo fotossensível químico (fotografia, cinema) ou eletrônico (vídeo), mas são as transformações de uma matriz de números em pontos elementares (os pixels) visualizados sobre uma tela de vídeo ou uma impressora, ou seja, é a chamada digitalização, cuja unidade menor são os pixels: o DNA das imagens digitais. Apesar das imagens digitais geralmente serem feitas a partir de imagens já existentes no mundo, elas se inserem neste paradigma por serem codificadas pela linguagem computacional binária e pixels.

Independentemente de ser a fotografia analógica ou digital, concordamos com Barthes (1980) quando afirma que toda fotografia é um certificado de presença, um fragmento congelado de uma realidade passada. Nessa mesma linha de pensamento, Kossoy (2003) argumenta que as fotografias servem para congelar o gesto e a paisagem e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza.

Esses registros fotográficos aos quais apresentamos aqui, materializados na experiência de São Borja, preservam a história e mantêm a memória em evidência no transcorrer do tempo. Nesse sentido, a fotografia entra no âmbito da memória e pode ser compreendida como um fenômeno social, apresentada como um processo histórico que observa e analisa as características culturais de uma determinada sociedade.

Neste estudo, aproximamos a produção de imagens fotográficas no contexto são-borjense à preservação da memória coletiva, considerando que esta é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Para Halbwachs (1990), a memória está atrelada às relações sociais coletivas. Nesse sentido, a lembrança não se constrói sem memória coletiva. O autor nos ajuda a pensar que o indivíduo que

lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, a memória é sempre construída em grupo, mas é também, um trabalho do sujeito, sendo que acreditamos que a fotografia pode ser concebida como a materialização desse processo.

Diante disso, ressaltamos a importância de preservar a memória, a história e a cultura da sociedade por meio dos registros fotográficos, que podem ser esse canal de manutenção da memória social. Esses registros contribuem, por exemplo, para preservar a história e a cultura de uma cidade, ajudando a compreender os processos vividos pelas pessoas.

Para Sarlo (2007), a fragmentação do discurso da memória é a comprovação de que a rememoração age sobre algo que não está presente, e que sua reprodução se dá a partir de inúmeros trabalhos de reconstituição do passado. Nesse sentido, a fotografia também pode ser um canal de registro da memória, visto que a própria definição de fotografia significa uma extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade que, por seu rigor e particularismo, se expressa mediante uma linguagem fotográfica própria e inconfundível.

Na relação entre fotografia e memória, acreditamos que o documento fotográfico não se limita à condição de peça de museu, mas a um objeto que carrega consigo múltiplos e dinâmicos conhecimentos. Diante disso, devemos nos esforçar em conhecer e compreender o momento histórico em que as imagens fotográficas foram produzidas.

Nas fotografias que coletamos nas casas dos moradores de São Borja, pudemos averiguar essa relação entre fotografia e memória em vários documentos. Um exemplo é a fotografia da antiga Igreja do município (**Figura 1**), uma relíquia da construção guarani-jesuítica demolida para ser construída a atual igreja matriz da cidade em 1982. Devido às décadas que separam uma construção da outra, os moradores da cidade somente têm noção de como era o antigo edifício por meio dos registros fotográficos preservados pelas famílias locais.



**Foto 1:** Antiga Igreja Matriz do Município de São Borja, RS, 1963

**Fonte:** Acervo Municipal de São Borja

Esses registros fotográficos e a preservação da memória perduram através do tempo, assim a fotografia é uma reminiscência visual, o presente pode-se remeter ao passado. Isto é, a partir dessas imagens, as memórias coletivas são acionadas e reconstruídas através de momentos históricos significativos, tornando a técnica fotográfica como garantidora dessas lembranças.

### **Memórias fotográficas de São Borja-RS**

O município de São Borja destaca-se pela riqueza histórica e pelo reconhecimento de sua importância sociocultural para o Rio Grande do Sul e para o Brasil. A trajetória política e social que o município teve é uma fonte viva e diversificada de acontecimentos com relevância histórica. Desde os primeiros povoados missionários, a condição de vila, a elevação a município, as invasões paraguaias e a economia baseada em pecuária e na agricultura. (RILLO, 1982; BEZZI, 1985). Conhecer a história de São Borja é tomar conhecimento do contexto histórico que fez e faz parte do município: desde sua formação guarani-jesuítica até o local de nascimento de dois dos principais presidentes da República (Getúlio Vargas e João Goulart). (COLVERO; MARTINEZ; MIRANDA, 2014)

Através das fotografias coletadas nas casas dos são-borjenses e no acervo público, obtivemos subsídios para entender o que acontecia no momento histórico do ato



fotográfico, permitindo que o passado possa ser entendido através da produção fotográfica. Dessa forma, através dos arquivos fotográficos e dos relatos familiares conseguimos realizar o resgate histórico por meio da memória social: são testemunhos desconhecidos que vivenciaram momentos importantes do município e, que podem revelar informações que valorizam as experiências vividas de cada pessoa e do lugar.

A fotografia é uma manifestação visual, nela sempre encontramos um foco principal, uma razão de ser, o que motivou aquela tomada fotográfica. Há que se considerar, contudo, que este motivo central está cercado de informações que se entrelaçam de diversas maneiras. Na observação do documento fotográfico, sabemos que “aquilo foi” (BARTHES, 1980), mas sabemos também que pode haver inúmeros pontos de vista sobre o conteúdo da fotografia. É possível escolher o que há de mais importante em termos informacionais como resultado da leitura da fotografia.



**Foto 2:** Fotografia analógica da Praça XV de Novembro, em São Borja, RS, 1984  
**Fonte:** Acervo Municipal de São Borja

Um exemplo desse tipo de fotografia pode ser observado na **Foto 2** sobre a principal praça da cidade de São Borja. Nomeada em homenagem a proclamação da república, a Praça XV de Novembro situa-se no centro do município e em frente à Igreja Matriz São Francisco de Borja. No momento em que a foto foi produzida, a área do entorno da praça apresenta paisagens com traços fixos sobre as figuras dos ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart. No quadro fotográfico, notamos uma grande quantidade arbórea em torno de toda praça. Por se tratar de uma foto aérea, nota-se que no seu fundo da esquerda para direita a prefeitura municipal e a igreja matriz.

Dessa forma, fotografias como esta servem como materialização do tempo, superfície palpável da memória, capaz de suscitar reminiscências diversas. Para Kossoy (2005), os homens colecionam inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de sua trajetória ao longo da vida. Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida ou do contexto em que vivem.



**Foto 3:** Fotografia analógica – O pequeno fotógrafo, 1965.  
**Fonte:** Acervo pessoal do fotógrafo Bira Azevedo.

Na **Foto 3**, produzida no ano de 1965 pelo fotógrafo Bira Azevedo<sup>7</sup>, denominada *O pequeno fotógrafo*, auxilia num dos ensaios fotográficos externos do seu pai fotógrafo Wolmar Barcellos de Azevedo. A fotografia é farta de significados, quando olhamos para as vestes das crianças, a câmera fotográfica utilizada pelo menino e a pose do mesmo. Embora essa fotografia tenha sido realizada por um fotógrafo, por sua vez, a imagem se enquadra no gênero de retratos de família.

A coleção dos retratos de família dá ao indivíduo um sentimento de pertencimento. De certa forma, o registro fotográfico estabelece uma coesão familiar, uma vez que a fugacidade dos ritos e instantes de intimidade é imortalizada como imagem para afugentar o

<sup>6</sup> Bira Azevedo é um tradicional fotógrafo profissional da cidade de São Borja, natural de Uruguaiana, nascido em família em que seus pais já trabalhavam com a arte da fotografia. É também repórter fotográfico, registrado no Ministério do Trabalho e sócio do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul. Atuou como freelancer em vários jornais da região, iniciando seus trabalhos no jornal Folha de São Borja. Realizou coberturas fotográficas da trajetória política de três Presidentes da República: Fernando Henrique Cardoso, Luis Inácio Lula da Silva e Carlos Menem (Argentina) entre outros políticos da região.



espectro do esquecimento e, também, da morte. Essas características são expressas por Silva (2008, p. 50) quando diz que: “O álbum existe, a princípio, para contar a vida e seus momentos felizes, não a morte; mas o medo da morte é o que configura como arquivo”.



**Foto 4:** Fotografia analógica - Balsa sobre o Rio Uruguai, 1970  
**Fonte:** Acervo Municipal de São Borja

A **Foto 4** coloca em evidência o contexto de região de fronteira ao qual São Borja está inserida e vivencia ao longo de sua história os deslocamentos entre Brasil e Argentina. O município gaúcho é separado da cidade argentina San Tomé pelo rio Uruguai e antes da construção da ponte que liga as duas cidades. Durante muito tempo, o transporte de pessoas e mercadorias era realizado através de uma balsa, sendo o único meio de transporte entre Brasil e Argentina e presente até hoje na memória das pessoas que presenciaram aquele momento histórico. A foto aérea mostra objetivamente como funcionava aquela forma de transporte e comunicação com a cidade vizinha.

A fila de caminhões e carros no lado brasileiro revela o quanto ela era importante no traslado entre os dois países. As cidades são cortadas pelo rio Uruguai, considerado um dos mais importantes na hidrografia do sul do Brasil, separando Brasil e a Argentina e em outros pontos a Argentina e o Uruguai. Na memória da população local, fotos deste tipo servem para relatar aos mais jovens como ocorria a relação com o país vizinho, onde muitos têm familiares ou construíram relações afetivas. E, dessa forma, esse registro fotográfico serve para conservar aquele momento histórico por meio da imagem do passado, servindo no processo de reconstrução da cultura material do passado. (BRIGGS; BURKE, 2004)



**Foto 5:** Fotografia analógica – Terezinha Wëiss, Miss Rio Grande do Sul 1967  
**Fonte:** Família Weiss

A **Foto 5** apresenta a relação das pessoas da cidade com os concursos de beleza feminina comuns até hoje no Rio Grande do Sul. O concurso Miss Rio Grande do Sul é a etapa estadual que leva a mais bela gaúcha ao certame nacional de Miss Brasil. Tradicional por sempre apresentar bons resultados em concursos de beleza, o Rio Grande do Sul é o estado campeão de títulos na competição nacional, tendo conquistado doze no total. Sua notoriedade deve-se ao fato de suas vencedoras a maioria conseguiu classificação internacional. Das doze misses Brasil gaúchas, sete se classificaram no Miss Universo no ano em que participaram.

No ano de 1967, a são-borjense Terezinha Wëis (**Foto 5**) recebeu o título de Miss Rio Grande do Sul. Na fotografia, podemos observar a vestimenta da modelo, uma indumentária gaúcha da região da fronteira oeste utilizada até hoje pelas mulheres são-borjenses: tirador, lenço, botas, esporas, laço e chifre de boi usado para guardar bebida. Evidenciando uma típica vestimenta do gaúcho pampeiro. Outro aspecto marcante que está presente na fotografia é o corte de cabelo, que remete muito à época. A valorização do conhecimento dos vestuários de diferentes culturas influenciou a moda. Na segunda metade da década de 1960 e início dos anos 1970, esta influência se tornou uma tendência

acentuada, conforme estilistas mesclavam traços étnicos em suas coleções. (MACKENZIE, 2010)



**Foto 6:** Fotografia digital – Ponte de Integração, Brasil/Argentina, 2013  
**Fonte:** Acervo pessoal do fotógrafo Antônio Weber

A **Foto 6**, produzida em formato digital, mostra novamente a ligação entre as cidades de São Borja (Brasil) e San Tomé (Argentina) através da Ponte da Integração. Durante as várias décadas de travessia via balsas, as comunidades locais reivindicavam a construção de uma ponte para facilitar o transporte entre as duas localidades, já havendo registro dessa demanda em citações do político Getúlio Vargas, da década de 1930. A ponte tem tamanha importância para as duas cidades vizinhas que a inauguração, em 1997, contou a presença dos presidentes do Brasil e da Argentina naquele período, Fernando Henrique Cardoso e Carlos Menem, respectivamente, momento histórico que está presente até hoje na memória dos moradores de São Borja.

Cabe ressaltar ainda que esta fotografia digital preto e branco evidencia a dimensão da construção que liga os dois países. Assim como ocorria com o transporte através da balsa, inúmeras pessoas usufruem da ponte. Essa ação concreta aumentou significativamente a quantidade de pessoas que fazem o traslado.



**Foto 7:** Fotografia digital – Estação Ferroviária de São Borja, 2014  
**Fonte:** Acervo pessoal do fotógrafo Alaor Riess

A **Foto 7**, produzida em formato digital, é da Estação Ferroviária da cidade de São Borja, presente em várias fotos da população local. O prédio foi inaugurado em 1913. A linha férrea estava ligada às cidades Uruguaiana e Itaqui, acompanhando o rio Uruguai na fronteira com a Argentina. Essa ferrovia (a única que não foi fundida na criação da VFRGS<sup>8</sup> em 1905) foi encampada pelo Governo Federal em 1924, e transferida para a VFRGS em 1933. Em 1929, foi entregue um novo prédio para a estação, semelhante a outras estações da região.

Em 1938, o ramal que vinha da cidade de Dilermando de Aguiar, na linha Porto Alegre-Uruguaiana, chegou finalmente até São Borja, depois de ter suas obras paralisadas por mais de 15 anos, o que gerou uma grande expectativa na cidade devido à demora. A estação local era o entroncamento dos dois ramais e serviu até meados de 1981 para o transporte de passageiros e que depois seguiam para a cidade de Itaqui.

Na imagem digital do fotógrafo Alaor Riess, chama atenção pelo fato de ser uma fotografia recente. Mas é interessante observarmos também uma imagem que retrata o mesmo lugar, mas em momento histórico diferente.

<sup>7</sup> Viação Férrea do Rio Grande do Sul.



**Foto 8:** Estação Ferroviária de São Borja em funcionamento, 1970  
**Fonte:** Acervo da Família Dornelles

Na **Foto 8**, há o registro de homens na mesma estação ferroviária da **Foto 7**. Os elementos daquele momento histórico podem ser percebidos pelas vestimentas das pessoas, o que demonstra o frio da época, década de 1970. Em registros fotográficos como este, Kossoy (2001) diz que se trata de resíduo do passado, ou seja, um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente.

As fotografias analisadas resgatam momentos e lugares importantes do município de São Borja, cada uma composta de elementos que as tornam ímpares no processo de construção histórica e cultural do município, os momentos fixados nas imagens técnicas são únicos, imutáveis, e intransferíveis no tempo e no espaço; apenas a fotografia gera a possibilidade de manter esses momentos e fazer com que eles atravessem o tempo, mantendo-se “vivos”. As fotografias assim retratam um processo de sedimentação da memória local e a evolução histórica do contexto são-borjense.

### **Considerações Finais**

Neste estudo, delimitamos identificar a fotografia atrelada à história e à cultura e como a materialização do tempo, pois no caso da memória são-borjense, em alguns acontecimentos serviu como uma superfície palpável da memória, com capacidade para despertar as reminiscências.

Os registros fotográficos encontrados em São Borja reafirmam a função social da fotografia, isto é, de registro da memória e do cotidiano da sociedade, algo que vem se repetindo desde as primeiras fotografias e que no século XX pode se efetivar de forma mais



frequente devido à miniaturização, ao barateamento e à portabilidade do equipamento fotográfico.

Independentemente se a fotografia é analógica ou digital, percebemos que seus conteúdos reiteram a noção de congelamento de fragmentos da realidade passada, conforme a perspectiva de Barthes (1980); ou, mais especificadamente, à questão da foto enquanto preservação da memória, como indica Kossoy (2003).

Através de observação e análises das fotografias produzidas no município de São Borja, concluímos que existe uma linha tênue que separa a fotografia analógica da fotografia digital, quer seja, no visual, quer seja nos enquadramentos e nos traços que determinam a maneira de composição de cada uma das tecnologias, que se misturam e convergem entre si, quando o fotógrafo faz do instante um objeto a ser capturado pela sua imaginação. Para uns, ruptura, para outros uma continuidade, uma evolução no reconhecimento da realidade.

Diante disso, encontramos três dimensões que merecem ser ressaltados neste estudo. A primeira é que a fotografia nos remete a história, e, nela podemos encontrar elementos que atestam o tempo e o espaço; a segunda dimensão diz respeito à cultura, como já explicitado no texto, teórico e empiricamente, a fotografia é capaz de revelar elementos culturais de determinada época, as tradições e os acontecimentos que ajudam a construir a memória coletiva. Por sua vez, a terceira dimensão relaciona-se a manutenção da memória, pois, a fotografia se mostra uma ferramenta eficaz neste processo de reviver os acontecimentos do passado para lançar luz ao conhecimento presente e do fenômeno social sobre o viver e o vivido (ARENDDT, 2007).

No que concerne aos sujeitos, focamos na valorização da experiência vivida pelas pessoas no contexto fronteiriço. Diante desse conhecimento, observamos que preservar a memória, a história e a cultura da sociedade por meio dos registros fotográficos pode ser uma importante forma de manutenção da memória social. Em cidades pequenas e distantes dos grandes centros, como é o caso de São Borja, esses registros contribuem fortemente para preservar a história e a cultura local, ajudando à compreensão dos processos vividos pelas pessoas.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ANG, Tom; SZLAK, CARLOS. **Fotografia Digital**: Uma Introdução. Senac, 2007.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa. Edições 70, 1980.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade. BENJAMIM, Walter et al. **Textos escolhidos**, v. 2, 1994.

BEZZI, M. L. **São Borja**: Transformações no espaço agropecuário: o processo de despecuarização. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências: Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1985.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

COLVERO, Ronaldo; MARTINEZ, Iris Nabolotnyj; MIRANDA, Caroline Rodrigues. São Borja espaço de possibilidade: das missões à atualidade. In.: ALMEIDA, Cristóvão Domingos; ABREU, Carmen. **Comunicação Integrada**: contribuições na conquista da cidadania. Rio Grande do Sul: Erechim, 2014.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FURLONG, Guilherme. **Misiones y sus pueblos de guaraníes**. Buenos Aires: Teorema, 1962.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus Editora, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ª.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. **O fotográfico**, v. 2, p. 39-45, 2005.

MACKENZIE, Mairi. **Ismos**: para entender a moda. São Paulo: Globo, 2010.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

RILLO, Apparício Silva. **São Borja em perguntas e respostas**. Monografia histórica e de costumes. São Borja: Argraf, 1982.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. In: Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Senac, 2008.